KONRAD ADENAUER STIFTUNG

Cultura do Debate na Política e no Espaço Público

No interesse da democracia, deve-se buscar seriamente preservar certos limites nas discussões que ocorrem dentro e fora do Parlamento.

Konrad Adenauer, 1952

CASA STEFAN ZWEIG

Cultura do Debate na Política e no Espaço Público

KONRAD ADENAUER STIFTUNG

CASA STEFAN ZWEIG

Editora
Anja Czymmeck

Coordenação editorial
Franziska Huebner

Tradução
Leslie Sasson Cohen
Jutta Gruetzmacher
Susanna Berhorn de Pinho

Revisão
Leslie Sasson Cohen

Projeto Gráfico
Charles Steiman
Daniela Knorr

Fotografias
Capa: mrPliskin/iStock.com
Página 5: Bildarchiv der Konrad-Adenauer-Stiftung
Página 6: Casa Stefan Zweig
Página 11: NiroDesign/iStock.com
Página 15: Arquivo KAS-Brasil
Página 24: SolStock /iStock.com
Página 33: nautiluz56/iStock.com
Páginas 41 e 51: KAS/Juliane Liebers

Impressão Print
Cruzado

ISBN 978-85-7504-231-1

* Texto *Compreender e fortalecer as culturas do dissenso*
CC BY SA: O texto desta obra está licenciado sob as condições do Creative Commons 4.0 internacional, CC BY SA 4.0, para ser distribuído desde que lhe seja atribuído crédito pela criação original. (https://creativecommons.org/licenses/by-sa/4.0/legalcode.de)

© 2019, Konrad Adenauer Stiftung e.V.

Todos os direitos desta edição são reservados à Fundação Konrad Adenauer. Autores podem ser citados indicando a revista como fonte. As opiniões aqui externadas são de exclusiva responsabilidade de seus autores. Não são necessariamente opiniões da Fundação Konrad Adenauer. All rights are reserved to Konrad Adenauer Foundation. Authors may be quoted if the publication name is referred as source. Authors are exclusively responsible for all concepts and information presented in this book.

Fundação Konrad Adenauer
Rua Guilhermina Guinle, 163
Botafogo CEP: 22270-060
Rio de Janeiro, RJ – Brasil
Tel: (+55/21) 2220-5441
Fax: (+55/21) 2220-5448

www.kas.de/brasil
KAS.Brasil
KASBrasil
KASBrasil

Sumário

Fundação Konrad Adenauer 4

Casa Stefan Zweig 7

Prefácio 8

Por uma cultura da argumentação democrática (ou Bagatela em C e D) 12

Entre Conflito e Consenso 16

Compreender e fortalecer as culturas do dissenso 21

Em defesa de uma cultura de debate democrática combativa 25

O novo Iluminismo 28

CURTO-CIRCUITO: a linguagem política e a ilusão do imediatismo 34

Em defesa de uma metáfora política ética 42

KONRAD ADENAUER STIFTUNG

Fundação Konrad Adenauer

A Fundação Konrad Adenauer (KAS) é uma fundação política alemã. Através do nosso escritório central na Alemanha e dos mais de 107 escritórios espalhados pelo mundo, gerenciamos mais de 200 projetos abrangendo mais de 120 países. Tanto na Alemanha quanto no exterior, nossos programas de educação cívica têm como objetivo promover os valores de liberdade, paz e justiça, bem como diálogo e cooperação. Como think tank e agência de consultoria, nós focamos na consolidação da democracia, na unificação da Europa, no fortalecimento das relações transatlânticas, assim como na cooperação internacional e no diálogo. Os nossos projetos, debates e análises visam o desenvolvimento de uma forte base democrática para ação política e cooperação. No Brasil, nossas atividades concentram-se no diálogo de segurança internacional, educação política, estado de direito, funcionamento de instituições públicas e seus agentes, economia social de mercado, política ambiental e energética assim como as relações entre o Brasil, a União Europeia e a Alemanha.

O primeiro chefe de governo da República Federal da Alemanha, Chanceler Konrad Adenauer
**Colônia, 5 de janeiro de 1876 —*
†Bad Honnef, 19 de abril de 1967

Casa Stefan Zweig

Inaugurada em julho de 2012 em Petrópolis, Estado do Rio de Janeiro, a Casa Stefan Zweig (CSZ) está integrada ao roteiro turístico e à agenda cultural da cidade imperial e recebe todos os finais de semana visitantes do Brasil e do exterior. Dedicada à memória do escritor e pacifista europeu que se refugiou no Brasil e ali morreu com sua mulher Lotte, em fevereiro de 1942, a CSZ também tem por missão divulgar – principalmente entre os jovens – o ideário do escritor austríaco: humanismo, tolerância, união espiritual do mundo. Neste sentido, abriga o Memorial do Exílio, em homenagem a centenas de refugiados que vieram ao Brasil entre 1933 e 1945 e fizeram importantes contribuições à cultura e à ciência.

Em sua última morada, Zweig escreveu a novela Xadrez e completou as memórias O mundo de ontem antes de pôr fim à vida em fevereiro de 1942. A casa foi comprada em 2006 pela associação sem fins lucrativos CSZ, presidida pelo jornalista e escritor Alberto Dines (autor da biografia Morte no Paraíso, a Tragédia de Stefan Zweig) e um grupo de pessoas a ele ligadas. Hoje, oferece variada agenda cultural (exposições, concertos, palestras) e oficinas de capacitação para professores, com o objetivo de atrair cada vez mais visitantes jovens.

A CSZ tem produzido livros, como A rede de amigos de Stefan Zweig, sua última agenda e a conferência Unidade espiritual do mundo, e filmes, como a série Canto dos Exilados, e tem atuado cada vez mais em parceria com instituições internacionais , tornando-se um centro de reflexão e discussão sobre temas ligados ao exílio.

www.casastefanzweig.org

Stefan Zweig
** Viena, 28 de novembro de 1881 –*
Rio de Janeiro, 23 de fevereiro de 1942

Prefácio

"No interesse da democracia, deve-se buscar seriamente preservar certos limites nas discussões que ocorrem dentro e fora do Parlamento".

Konrad Adenauer

Este comentário de Konrad Adenauer foi extraído de uma entrevista concedida em 1952. Pode ser considerado tanto atemporal quanto atual pois convoca todos a adotarem um tom respeitoso na interação entre as pessoas. Hoje em dia, cada vez mais experimentamos formas mais limítrofes nas discussões públicas, onde respeito e decoro desempenham um papel de menor importância. Esta impressão perpassa quase todos os setores de relevância política, desde os debates parlamentares e manifestações públicas até a esfera supostamente privada das mídias sociais. Indubitavelmente, estamos passando por transformações na cultura do uso da língua e do debate.

A cultura do dissenso é fundamental para a democracia

O dissenso é um componente essencial da democracia. A democracia demanda processos de negociação adequados para que sejam tomadas decisões políticas; estes não somente promovem o equilíbrio de interesses e o encaminhamento das decisões, como também levam à aceitação posterior da decisão tomada, pelo menos em relação ao processo desenvolvido. Mas, se a cultura do dissenso é questionada, toca-se um aspecto fundamental da democracia. Isto é motivo suficiente para que a Fundação Konrad Adenauer se dedique a analisar mais profundamente as transformações que ocorrem a fim de apontar possíveis causas.

Os debates se transformam segundo um modelo?

A primeira pergunta seria que tipo de transformação do modelo de debate está por trás de cada excesso verbal, talvez intencional, o que é visto não somente nas mídias sociais e nos meios de comunicação de massa estabelecidos, mas também nos parlamentos. Estaríamos observando uma estratégia concertada ou, de forma descentralizada, o prazer da percepção generalizada de deslizes verbais ou a reafirmação pessoal e agressiva de um segmento que há muito tempo não se via representado? As transformações nos modelos de debates inserem-se não só nas mudanças políticas de médio e longo prazo, mas também na transformação generalizada do uso da língua, verificada de forma bastante semelhante em contextos não políticos. A avaliação das transformações que ocorrem no dissenso político e a pergunta acerca de quais seriam as reações adequadas requerem um olhar muito criterioso. É aí que se situa a ênfase atual no desenvolvimento do projeto "Transformações na cultura do uso da língua e do debate".

Por que a Fundação Konrad Adenauer se ocupa das transformações na cultura do debate?

As transformações na cultura do uso da língua e do debate também constituem um desafio para a Fundação Konrad Adenauer. É parte da missão da Fundação dar sua contribuição ao debate político atual, informar os círculos políticos ativos e cidadãos interessados politicamente e oferecer uma plataforma de intercâmbio. Por esta razão, inserir-se no debate acerca da cultura do uso da língua e do debate é uma tarefa que decorre naturalmente para a Fundação. Ao mesmo tempo, também é importante não reagir impulsivamente a qualquer onda de indignação pois, evidentemente, também há interesse em gerar escândalos além do entusiasmo pela autoafirmação quando se está moralmente do lado certo. Logo, recomenda-se lançar um olhar objetivo e escrutinador sobre essas transformações.

Abordagens para uma melhor comunicação

Além de avaliar as transformações na cultura do uso da língua e do debate, é preciso que haja um entendimento sobre a maneira como devem ser conduzidas as discussões políticas, onde se faz necessário

impor limites na interação entre as pessoas. O “Consenso dos Democratas” requer entendimento continuado. Apontam nesta direção a abordagem da “Ética da Metáfora”, como foi defendida por Henning Lobin, diretor do Instituto Leibnitz da Língua Alemã, e o enfoque de “decoro democrático” conforme recente publicação conjunta dirigida a todos pela Conferência de Bispos Alemães e pelo Conselho da EKD (Igreja Evangélica da Alemanha) sob o título “Fortalecer a confiança na democracia”.

Extraído da página de “Temas”: A Cultura do Debate
(https:// www.kas.de/debattenkultur)

Coletânea de observações de especialistas

Na página de “Temas” sobre a cultura do debate, apresentamos-lhes os primeiros estudos disponíveis deste campo de pesquisa em surgimento que já fornecem seus primeiros resultados. Além disso, apresentamos ideias e reflexões colhidas em uma série de conversas realizadas pela Fundação Konrad Adenauer com especialistas. No mais, os Srs. encontrarão breves declarações em vídeo em que renomados especialistas apresentam suas observações e projetos de pesquisa.

A presente brochura disponibiliza, em língua portuguesa, algumas das contribuições da página de “Temas” voltadas à cultura do debate. Estas referem-se exclusivamente ao contexto alemão e foram traduzidas e impressas depois de receber aprovação dos autores e da redação. As opiniões expressas nesta publicação são de exclusiva responsabilidade de seus autores. Não representam, necessariamente, a opinião da Fundação Konrad Adenauer.

Outros textos em língua alemã estão disponíveis online na página de “Temas” sobre a cultura do debate: https://www.kas.de/debattenkultur, utilizando-se o seguinte QR-Code:

O Bundestag, lugar de debate para os membros do parlamento federal alemão. A cúpula de vidro simboliza a transparência dos debates parlamentares.

Por uma cultura da argumentação democrática (ou *Bagatela em C e D*)

Kristina Michahelles

A conferência *Unidade espiritual do mundo*, proferida por Stefan Zweig em agosto de 1936 no Rio de Janeiro por ocasião da sua primeira viagem ao Brasil, é um libelo em defesa do entendimento entre os povos para evitar novos confrontos e guerras. A barbárie que arruinaria a civilização europeia entre 1939 e 1945 encontrara seu campo de experimentação prévia na Guerra Civil espanhola. Sob o impacto das crueldades, Zweig escreveria em seu quarto do Copacabana Palace Hotel, do outro lado do Oceano Atlântico:

> "Onde quer que vislumbremos um lampejo de esperança nas trevas, temos o dever de apontar para ele. Nesse sentido, [... tenho] a mais sincera convicção que existem forças aglutinadoras que se contrapõem à desunião, e que, no curso da História, as tendências da destruição sempre enfrentaram a vontade de uma união moral do mundo."

Desunião, divisão, desentendimento, desacordo, desajuste, divergência, discórdia, desarmonia e dissonâncias são inerentes à condição humana. O caminho pode ser árduo para chegar à concórdia, conciliação e consonância. Não é por acaso que Zweig cita, no mesmo discurso, o episódio bíblico da Torre de Babel, apontando para a receita: uma comunicação clara e concisa baseada em compreensão.

> "Não conheço outra alegoria mais bela nesse livro maravilhoso: todo o nosso destino está expresso nas palavras segundo as quais todo conflito na Terra é sempre gerado pela incompreensão e que, por isso, nossa mais alta missão na Terra, para evitar disputas, é tentar compreender o máximo possível e, a partir dessa compreensão, buscar ser justo o máximo possível com todo povo e todo homem."

Compreensão pressupõe conhecimento, informação, base de qualquer tentativa de comunicação clara através de um discurso articulado, fundamentado em uma argumentação lógica e recheado de exemplos claros. Compreensão pressupõe ainda saber escutar o outro, abrir-se para novas ideias e pontos de vista, com cortesia e delicadeza. Compreender significa tanto poder dizer um 'não' quanto receber uma negativa. Portanto, compreensão também necessita de autoestima, fé nos próprios princípios, sem medo da opinião alheia. Voltemos a Zweig:

> "Um pequeno grupo, nos tempos das guerras religiosas, defendeu a ideia da cooperação intelectual e do entendimento humano: os humanistas. [...] São nossos antecessores no espírito, e sua religião era a humanidade, o amor por toda a humanidade, para além das diferenças da língua, da fé e da cosmovisão. Acreditavam (e essa é a nossa crença) que o homem espiritual deve respeitar cada opinião e cada povo, que não pode se deixar puxar para as baixezas do ódio, deixando a cada indivíduo a sua liberdade espiritual e guardando a própria inabalavelmente. Eram um pequeno punhado, na maioria eruditos pobres, sem influência ou poder, mas eles salvaram a unidade do mundo em um momento crítico ao se manterem fiéis à ideia da humanidade. [...] Queriam dar, como uma primeira pequena elite, a todos os outros o exemplo dessa nova mentalidade, dessa religião do entendimento."

Uma atitude proativa de argumentação é a base de qualquer democracia madura. Fundamentada em cinco séculos de relações hierárquicas e de dependência, permeada pelas feridas e cicatrizes do escravagismo e do autoritarismo, a sociedade brasileira passou por uma história relativamente curta de participação democrática. Um 'não', por aqui, é compreendido como ofensa, mágoa, recriminação ou até punição, e muito raramente como, simplesmente, um outro ponto de vista. Lição aprendida a duras penas por qualquer estrangeiro neste país.

As ideias e as práticas moldam o comportamento desde cedo. Crianças submetidas a um sistema educativo majoritariamente dominado pela transmissão de conhecimento na ditadura da múltipla escolha, sem exercícios que promovam a dúvida, o ceticismo, a escuta consciente, terão mais dificuldade para exercitar uma argumentação e retórica articuladas e fluidas. Acresce o massacre dos meios de comunicação e da enxurrada de informações fragmentada, a baixa taxa de leitura:

> "O livro ainda continua sendo um dos melhores mediadores das almas e das ideias. Graças ao livro, as fronteiras da língua podem ser superadas, as ideias aproximadas, os opostos suavizados através da discussão. E quando os livros e os homens que os escrevem compreenderem a imensa responsabilidade que foi colocada em suas mãos, ainda poderão ser os melhores mensageiros de um futuro entendimento."

Alunos e estudantes são o público-alvo preferencial da CASA STEFAN ZWEIG em Petrópolis, pequeno museu encravado na serra de Petrópolis e última morada do escritor austríaco que ali decidiu morrer em 1942, em meio à Segunda Guerra Mundial. Modestamente, tentamos fazer a nossa parte, transmitindo os ensinamentos humanistas de Stefan Zweig aos jovens que vêm nos visitar, e nos congratulamos com o lema da Fundação Konrad Adenauer para o ano de 2019: as transformações da cultura da linguagem e do debate nas democracias. Sem uma cultura de argumentação democrática, sem uma atitude aberta de escuta de outros pontos de vista, sem uma cultura do debate e da discussão desde a mais tenra idade, os extremismos tendem a crescer e a se radicalizar, podendo desembocar em confrontos físicos. Pois, segundo Zweig,

> "... quase toda geração tenta buscar o mesmo ideal através de um outro caminho, cada uma sonha e espera de uma forma diversa que a humanidade finalmente esteja em vias de se tornar uma comunhão elevada e pacífica. [...] Precisamos ensinar uma juventude a odiar o ódio, porque ele é infértil e destrói o prazer da existência, o sentido da vida; precisamos educar as pessoas de hoje e amanhã a pensar e sentir em dimensões mais amplas. Precisamos ensinar a elas que é mesquinhez e exclusão limitar a camaradagem apenas ao próprio círculo, ao próprio país, em vez de sentir fraternidade também além dos oceanos, para com todos os povos do mundo. Nós, os mais velhos, precisamos mostrar – a partir do nosso próprio exemplo – que a livre admiração de valores estrangeiros não diminui a força interior da alma, ao contrário, só amplia, e que só aquele que sabe sempre renovar seu idealismo e entusiasmo tornará sempre a ganhar juventude espiritual."

Petrópolis, setembro de 2019

Kristina Michahelles
Diretora executiva
Casa StefanZweig

Evento realizado por ocasião dos 75 anos da morte de Stefan Zweig, em Petrópolis no ano 2017, em parceria com a KAS. A Casa Stefan Zweig promove debates sobre temas ligados ao legado de Stefan Zweig, á cultura e à política.

Entre Conflito e Consenso
Sobre a cultura do debate na Alemanha

Norbert Lammert

"O que representa um bom debate democrático? ", questionou o Presidente alemão Frank-Walter Steinmeier na abertura da conferência digital *re:publica 2019*. Sua resposta: "De um lado: sensatez – a disposição de convencer por meio de argumentos e deixar-se convencer por argumentos melhores, e, de outro: civilidade. Isto quer dizer: apreço e confiança, empatia e respeito pela contraparte, que [...] também tem sempre a dar uma contribuição legítima ao debate. "

Seu discurso é uma posição muito proeminente entre inúmeras manifestações, artigos e pronunciamentos neste debate, que não é recente e ainda se mantém, sobre o estado atual e futuro de nossa cultura do debate. Até mesmo o sem número de contribuições são um indício de que há desenvolvimentos que constituem um bom motivo para uma reflexão mais profunda sobre o conteúdo e estilo dos debates na Alemanha.

Para nós, como fundação política, o tema não é simplesmente um entre muitos, mas toca diretamente a essência de nossas atividades. Pois quase tudo de que nos ocupamos e fazemos em nosso trabalho diário de formação política, educação e informação é transmitido por meio da língua. Logo, acompanhar com sensibilidade e autocrítica os desenvolvimentos e tendências atuais da cultura do uso da língua e do debate é algo oportuno, como também, e naturalmente, para as instituições constitucionais, os partidos políticos e não por último a mídia, que é não apenas um dos motores, mas também é movida pelas diversas transformações e alguns dos desvios existentes.

Ao menos desde a invenção da imprensa em meados do século 15, as condições da comunicação entre as pessoas têm se transformado significativamente, tanto quantitativa- quanto qualitativamente; especialmente em razão dos desenvolvimentos tecnológicos, substanciais mudanças no comportamento de comunicação das sociedades têm sempre ocorrido. Também nossa atual "cultura do uso da língua" não é uma grandeza fixa, imutável através dos tempos. As expectativas mudam, assim como as circunstâncias. É fato que a digitização de dados e informações, assim como o intercâmbio eletrônico dos mesmos em tempo real, não é apenas mais uma entre as várias transformações, mas é literalmente uma nova ordem revolucionária no comportamento de comunicação de pessoas e instituições, com consequências duradouras na esfera privada e pública.

Contraditório e contradição

É indiscutível que tamanha quantidade de dados e informações, textos, imagens e vídeos, mais as opiniões, comentários e apelos a eles relacionados, nunca foi enviada para tanta gente como hoje em dia. Por outro lado, o que isto significa qualitativamente para a troca de informações, a capacidade de julgamento e os processos de tomada de decisão, e não só para o indivíduo como para sociedades inteiras, não é nada evidente. São questões muito duvidosas, no sentido mais literal, e não por acaso.

Que diferenças há na interação entre o remetente e o destinatário no uso das mídias antigas e modernas? Que importância têm plataformas tão frequentadas como Twitter, Facebook e Instagram no contexto de temas políticos? O que representa a interatividade em tempo real e quase integral para a troca de informações? E os dados quantitativos disponíveis também têm um efeito relevante, além do estatístico, sobre a formação de opinião numa sociedade moderna? A crescente substituição dos clássicos e convencionais veículos impressos pelos novos meios eletrônicos e suas plataformas de comunicação, que contam com um número de usuários incomparavelmente maior, tem um efeito cada vez mais visível sobre a demanda, a capacidade de percepção e elaboração de informações do indivíduo e, com isto, acarreta consequências sobre a capacidade de discernimento de sociedades inteiras.

A Fundação Konrad Adenauer irá dedicar-se intensamente às transformações da cultura do uso da língua e do debate por um período prolongado, através de estudos, rodadas de especialistas e eventos abertos ao público. Nosso primeiro objetivo é preparar um resumo do grande número de análises científicas existentes sobre o tema, cobrindo o que já se sabe com relativa segurança. Queremos saber quais correlações já foram analisadas com cuidado durante um período prolongado e estão bem fundamentadas para que possamos usá-las como contexto e ponto de partida para discursos políticos. Também teremos que saber conviver com resultados contraditórios, e iremos experimentar contradições, também e principalmente em nossos próprios estudos e pesquisas.

Os estudos da Fundação Konrad Adenauer

Uma revisão sistemática do estado atual das pesquisas mostra que a crescente fragmentação de nossa sociedade e a progressiva digitização têm modificado a cultura do debate. A consequência é a insegurança, que, de outro lado, acarretou transformações no uso da língua no privado e no político, na mídia e na ciência. O estudo também mostra com evidências a necessidade de continuidade das pesquisas. Conclusões precipitadas, avaliações pessimistas da cultura e até mesmo interpretações apocalípticas devem ser evitadas.

Que o ódio e a calúnia passaram a ser mais a regra do que a exceção nas novas mídias é o que nos mostra uma análise panorâmica da literatura sobre causas e efeitos da comunicação agressiva e sem limites. Seu efeito é preponderantemente negativo: os comentários na mídia online via de regra recebem avaliação negativa. Não obstante, prejudicam a credibilidade de contribuições jornalísticas tradicionais e a relevância dos temas que cobrem.

Uma análise da ética das metáforas identifica a língua como o lugar em que são resolvidos os conflitos atuais de política identitária. O uso de metáforas em debates políticos poderá sem dúvida levar a distorções contraproducentes, já uma reflexão sobre o uso da língua pode contribuir para o entendimento entre as partes.

Dois estudos são dedicados ao Facebook. Ali, os temas políticos têm apenas um papel secundário. São preferencialmente os adeptos dos partidos "Die Linke" (A esquerda) e AfD (Alternativa para a Alemanha) que usam o Facebook para comunicação política e agitação. A maioria dos usuários vê a plataforma como fonte de entretimento e informação, mas uma minoria relativamente numerosa também se sente enraivecida e provocada – mais frequentemente os eleitores da "Linke" e dos "verdes". Bastante acima da média estão os adeptos da AfD, que acreditam encontrar ali opiniões que foram reprimidas pelas mídias tradicionais.

De forma geral, nem o alcance e nem o efeito do Facebook sobre campanhas eleitorais é tão intenso como se imagina. Os partidos usam o Facebook em campanhas eleitorais principalmente em relação a ocasiões específicas, seja para informar sobre eventos ou motivar os eleitores a outras atividades. Se resumirmos os comentários dos usuários, veremos, por outro lado, que uma cultura de dissenso democrático é mais raramente encontrada ali.

Retórica apocalíptica da exacerbação

Nossos estudos e análises são uma primeira evidência, bastante clara, de que as transformações na cultura do uso da língua e do debate já não sejam apenas uma hipótese, mas realidade. É difícil ignorar que, com as condições da percepção dos fatos tão alteradas e a disseminação destes pelas mídias, a tentação, ou talvez até a necessidade de simplificar processos complexos, de acirrar e dramatizar os acontecimentos, transformando-os em escândalos, tenha aumentado ainda mais. Notadamente, a tentação de chamar a atenção sobre si através de exageros ou radicalização ficou ainda mais poderosa, uma atenção que, via de regra, não se obtém mais com posições diferenciadas. Dizer algo simplesmente razoável já é quase uma garantia para não ser notado.

Mas também temos que nos ocupar de uma questão não menos importante, porque justificada, ou seja, se não estamos tendendo a tirar conclusões precipitadas, impressionados que ficamos com certas mudanças. Isto é, precisamos nos questionar se aquilo que observamos de fato é tão novo como nos parece, ou se também acontecia anteriormente, de forma diferente, mas não tanto.

O cientista midiático Bernhard Pörksen fala de uma "retórica apocalíptica da exacerbação". Com isto ele se refere não apenas às competições de excessos retóricos observadas principalmente nos discursos eletrônicos nas novas mídias há algum tempo, mas também a tendência a histerizar as próprias observações, devido às conclusões possivelmente precipitadas que ocorrem neste contexto. Pörksen, que tem se ocupado destes desenvolvimentos continuamente e por mais tempo do que muitos outros, expressa o seu temor: "todas estas narrativas de declínio mostram o descambar de advertências bem-intencionadas para um pessimismo educativo ou de esclarecimento que acaba enterrando aquilo que, na verdade, se pretende incentivar: autonomia, responsabilidade, resistência com firmeza." (Die Zeit, 11 de outubro 2018)

Espaços de liberdade por princípio

Não apenas como Fundação, mas também na sociedade como um todo, deve ser nosso interesse comum e fundamental, que, em discursos livres – especialmente com as transformações significantes das estratégias de comunicação social –, cheguemos a resultados e decisões

cuja aceitação também seja decorrente do fato de que todos os envolvidos têm a impressão de que o caminho percorrido tenha transcorrido de maneira comprovável e democrática. A democracia é um arranjo político experimental muito ambicioso que vive da relação engenhosa entre dissenso e consenso, cujo equilíbrio mútuo a sustenta ou faz cair. Uma sociedade liberal nunca poderá ser uma sociedade sem dissenso. Por outro lado, a existência de dissenso é diretamente um indício dos espaços de liberdade fundamental em uma sociedade, pelo menos quando o dissenso não acontece apenas simplesmente, mas é também aceito.

No entanto, a capacidade de dissenso de uma sociedade pressupõe um consenso mínimo sobre como conciliar diferentes percepções, opiniões e interesses. Somente quando houver consenso sobre como resolver seus dissensos, a sociedade poderá suportá-los sem prejudicar a própria coesão. Esta é uma das principais questões a que pretendemos nos dedicar profundamente: há desenvolvimentos nos comportamentos de comunicação de nossa sociedade, também e principalmente pelo crescente deslocamento da parcela e do peso das mídias tradicionais para as novas mídias, que possam estar ameaçando o equilíbrio descrito entre capacidade de dissenso e consenso de nossa sociedade?

Uma última pergunta autocrítica seria se o protesto já devidamente justificado que se tornou bastante audível, vindo sobretudo de segmentos mais burgueses de centro, dirigido contra certos modelos de comportamento retórico de grupos concorrentes antigos versus novos, poderia estar relacionado a uma certa perplexidade programática e à incapacidade de contrapor, de forma não polêmica, novas posições alternativas reconhecidamente comparáveis.

Formulando de maneira um pouco radical: seria possível que uma parte do desconforto com a prática moderna de comunicação se origine do fato de que a discussão do tema esteja além de nossa capacidade? A pergunta pode ser desagradável, mas certamente é admissível e possivelmente inevitável.

Norbert Lammert
Nascido em Bochum em 1948, cientista social, de 1998 a 2002 Porta-Voz para Políticas Culturais e de Mídia da bancada dos partidos CDU/CSU, de 2005 a 2017 Presidente do Parlamento Alemão (Bundestag) e desde 2018 Presidente da Fundação Konrad Adenauer.

Texto de Prof. Norbert Lammert, publicado em Die Politische Meinung Nr. 557, Julho/Agosto 2019.

Compreender e fortalecer as culturas do dissenso

Thomas Köhler, Jochen Roose

As democracias vivem da divergência ou do dissenso ordenado e civilizado entre as pessoas. As regras do dissenso têm grande importância. Destinam-se a abrir espaço às diferentes visões e argumentos, a tornar as diferenças visíveis e proporcionar o desenvolvimento de pontos em comum e soluções de compromisso. O que se pode esperar nos dissensos democráticos, o que é permitido e o que excede os limites, é objeto de constante renegociação. Nesta série temática, a Fundação Konrad Adenauer dedica-se às transformações na cultura do uso da língua e do dissenso.

Impressões de uma cultura de dissenso sob pressão

Muitas vezes, surge a impressão de que o dissenso social, as divergências quanto aos desejos comuns, estejam sob pressão. A globalização fez com que os mundos em que vivem as pessoas se tornassem mais diferenciados e suscita a questão se todos ainda participam da negociação dos anseios comuns ou deixam-se incluir. As transformações do sistema partidário dissolvem a ordem do debate que foi longamente estabelecida entre os dois grandes redutos políticos. A digitização faz com que os espaços do conflito estejam menos visíveis e claros. Convenções vigentes por muito tempo sobre o tom do discurso parecem ter perdido a validade. São diversas impressões que exigem um olhar mais cuidadoso sobre as transformações da cultura do uso da língua e do dissenso. Em uma série temática, a Fundação Konrad Adenauer pretende examinar mais detalhadamente a percepção de supostas mudanças assim como analisar suas consequências. Isto deve acontecer perante o pano de fundo do entendimento dos requisitos normativos da cultura do uso da língua e do dissenso.

De qual cultura do dissenso precisamos?

Tomamos consciência de regras principalmente quando sua inquestionável validade deixa de ser um fato. Isto também se aplica às normas, aos valores e à noção de realidade subentendida que permeia a interação entre as pessoas – a cultura do dissenso. Os desafios atuais mostram que se faz necessário um novo entendimento sobre a cultura do dissenso. Na teoria normativa da democracia encontram-se diversas ideias sobre as regras que devem ser seguidas num dissenso democrático. Enquanto a teoria liberal-representativa valoriza uma interação tecnicamente correta, distanciada e civilizada no tom, a linha construtivista já exige a participação de todos no discurso, independentemente de sua competência ou forma de expressão. Para haver um entendimento sobre o tipo de dissenso que desejamos, é preciso, inicialmente, tornar visíveis as diversas ideias e suas consequências, bem como suas vantagens e desvantagens.

Arenas no espaço público

As arenas em que o dissenso público acontece estão cada vez mais diversas e indistintas. A preponderância dos meios de comunicação de massa tradicionais, como TV, rádio e imprensa, está sendo complementada e fundamentalmente transformada pela comunicação online. Esta oferece a possibilidade de incluir muitos com suas opiniões e visões, mas também torna o campo menos vislumbrável e reduzem a influência de um controle de qualidade profissional, abrindo novas possibilidades de disseminar contribuições à discussão de maneira proposital e manipuladora. Os efeitos destas transformações nas arenas públicas e o que isto significa para os formatos da comunicação precisam ser analisados.

Causas das transformações na cultura de uso da língua e do dissenso

Quando as violações das regras da cultura do dissenso excederem casos individuais e forem percebidas com frequência cada vez maior - e talvez sejam de fato - surgirá o questionamento do que pode estar causando isto. Discutem-se diversas causas, como o uso estratégico da atenção que se dá ao descontentamento, consequências da transformação das mídias devido à comunicação mais veloz e mais anônima, ou a modificação do campo político com uma nova confrontação entre apoiadores e opositores da abertura do estado nacional em direção a uma Europa mais aberta e ao mundo globalizado. É preciso examinar em detalhe o quanto estas ou outras causas são responsáveis por diversas transformações na cultura do uso da língua e do dissenso.

Os caminhos para uma cultura democrática que se defenda

As transformações na cultura do uso da língua e do dissenso lançam questionamentos sobre as reações provocadas. As várias mudanças na forma e estrutura da esfera pública não podem ser a única reação. É preciso desenvolver uma cultura adequada de uso da língua e do dissenso, que aceite a diversidade e seja capaz de estabelecer limites onde as interações não transcorram com civilidade e acabam se tornando não democráticas. Isto exige que sejam exploradas possibilidades de influência. Toda a diversidade de atores que participam do debate público e reagem às contribuições dadas pelos outros deve também dar sua contribuição. O caminho para uma cultura democrática de dissenso que saiba se defender constitui um desafio que requer novo saber, cuidadosa ponderação e inovação em vários níveis. A Fundação Konrad Adenauer lançou-se neste caminho com a série temática “Transformações na cultura do uso da língua e do dissenso”.

Thomas Köhler
Diretor do Departamento de Política e Consultoria
Departamento de Política e Consultoria - KAS

Dr. Jochen Roose
Coordenador de Pesquisas de Opinião e de Partidos
Departamento de Política e Consultoria - KAS

Sabine Stoye
Coordenação de Projetos
Departamento de Política e Consultoria - KAS

Texto de Thomas Köhler e Jochen Rosse, publicado em Kurzum Nr. 40, Junho 2019.

Debates e diálogos pessoais no Stammtisch: Na cultura da Alemanha o Stammtisch é um local de encontro reservado num bar ou num restaurante para um grupo de pessoas que se reúnem para beber, comer, conversar e debater.

Em defesa de uma cultura de debate democrática combativa

Algumas observações sobre a transformação na cultura do uso da linguagem e do debate

Thomas Köhler

Como o estilo linguístico e de argumentação mudam no confronto político, tanto no parlamento, no diálogo pessoal ou nas mídias sociais?

Diferenças mais fundamentais nas posições implicam em uma linguagem mais radical?

E que consequências isso tem para a democracia?

Em primeiras análises empíricas, estudos literários, diálogos com especialistas e debates, a fundação Konrad-Adenauer se propôs a iluminar questões da cultura do uso da linguagem e do debate.

Preocupações com a cultura do conflito construtivo

Diferentes partes constataram uma mudança recente no debate político, com um tenor agressivo, provocações específicas, deslizes verbais e extrapolações graduais dos limites “do que se pode dizer”. Ao mesmo tempo, constata-se já há algum tempo a redução de debates em toda a sociedade, muitas vezes no âmbito de uma segregação das fontes de informação e dos espaços de debates políticos.

Estudos iniciais não apontam para uma decadência permanente e ampla da cultura do uso da linguagem e do debate. Ao invés disso, os desenvolvimentos nos diferentes palcos de espaço público (por exemplo, parlamentos, online, mídias tradicionais, discussões diárias) deverão ser considerados individualmente (Köhler/Roose 2019). Aqui podemos constatar, de fato, desenvolvimentos críticos:

- Na comunicação cotidiana sempre houve discussões políticas, às vezes com palavras drásticas. Por isso, há duvidas, se a comunicação online é mesmo menos civilizada do que as conversas no bar. Mas com a forma escrita e a longa permanência dos comentários online, essas afirmações adquirem um caráter diferente (Köhler/Roose 2019). Isso implica em mudanças profundas. Assim, as afirmações podem ter efeito mais sustentável e uma divulgação maior.

- Sobre a comunicação online no Facebook a maioria relata que encontra uma diversidade de opiniões, contudo somente uma minoria se aborrece com as afirmações ou se sente provocada. A anonimidade possivelmente desinibe, mas somente uma minoria considera o Facebook como um palco para se expressar na anonimidade (Pokorny 2019). Por outro lado, durante a campanha eleitoral não existe cultura de debates democrática nas páginas do Facebook (Neu 2019).

- Sobre os debates parlamentares, um estudo do jornal Süddeutsche Zeitung mostra como as reações entre o AfD e os demais partidos estão polarisadas, em ambas as direções (Süddeutsche Zeitung: "Das gespaltene Parlament", online). Não obstante, ainda falta a comparação com outras bancadas novas no parlamento, bem como estudos sobre a polarização em outras arenas de debate.

O desafio da formação de opinião

A formação da opinião política enfrenta novos desafios (Bermes 2019). Informações com respaldo jornalístico são exibidas lado a lado com outras informações sem avaliação adequada nas fontes online. Além disso, comentários críticos pouco civilizados sob os artigos jornalísticos online não contribuem para a confiabilidade na notícia. No noticiário online, dúvidas são suscitadas com maior facilidade, enquanto a confiabilidade é difícil de se alcançar (Kümpel/Rieger 2019).

Hoje já há indícios que o papel do jornalismo de qualidade, de filtrar informações políticas e colocá-las em um contexto, pode ser transferido para o ambiente de informação alterado. Paralelamente, mesmo a utilidade da representação política pode ser mais aceita para a negociação de diferenças de interesses e para a qualidade técnica das decisões políticas. Mas não há certeza para nenhuma das opções.

Desenvolver uma cultura de debate democrática combativa

A mudança da cultura pública do uso da linguagem e do debate muda as exigências ao comportamento dentro do público – para os consumidores, os participantes do debate e os gestores dos espaços públicos. É necessário que a sociedade negocie uma cultura de debate democrática, que sabe se defender contra comportamento não civilizado e o esvaziamento de padrões democráticos, sem limitar a liberdade de expressão.

Aqui há necessidade do engajamento de todas as partes para reivindicar as regras do debate democrático quando necessário e ignorar provocações quando possível. Pois obviamente uma parte da provocação vive do prazer com a indignação da outra parte. Mesmo assim, ainda há a necessidade de uma compreensão conjunta dos democratas sobre o que não pode ser dito.

Em relação aos debates online o legislador redefiniu um arcabouço legal com a Lei da Execução na Rede (NetzDG) (Paal/ Hennemann 2018). No entanto, esses limites legais por si só não serão suficientes para uma cultura de debate democrática. Técnicas de moderação podem ajudar a manter os debates em um âmbito civilizado (Kümpel/Rieger 2019). A formação de opinião enfrenta novos desafios (Bermes 2019). O incentivo da competência midiática, não somente entre jovens, permanecerá por bastante tempo como uma tarefa do trabalho de educação política.

A adaptação às novas condições da comunicação com agentes provocadores e mudanças técnicas é um desafio. Somente uma combinação de diferentes abordagens de diferentes atores pode gerar uma cultura de debates democrática combatível. Para isso, há muito o que fazer - e a aprender. Para a estabilidade da democracia é elementar a compreensão de uma cultura de debates democrática de grande parte da população. O amplo debate gera confiança de que essa compreensão pode ser desenvolvida e adaptada às diferentes condições.

Thomas Köhler
Chefe do Departamento Geral Política e Consultoria - KAS

Texto de Thomas Köhler, publicado em Kurzum Nr. 41, junho 2019.
Bibliografia em www.kas.de/Debattenkultur

O novo Iluminismo
Sobre o fim do dogmatismo

Bernhard Pörksen

Em tempos quando um presidente americano se destaca pela constante produção de *fake news* e quando boatos divulgados aleatoriamente são percebidos como certezas, fica patente que o debate social e científico está correndo grave risco. Essa ameaça do discurso, segundo Heinrich Mann, pode ser denominada de a era do pós-verdade [*A metáfora do tanque de patos*]. Em 1938, Heinrich Mann cogitou se deveria se aliar ao comunista Walter Ulbricht contra os tão odiados nacional socialistas. Mas Mann chegou à conclusão que isso, infelizmente, seria impossível. "Vejam só", diz ele: "não posso me sentar à mesa com alguém que afirme, subitamente, que tal mesa, na verdade, não é uma simples mesa, mas um tanque de patos, e que espere receber minha concordância."

Hoje, essa analogia do tanque de patos tornou-se uma situação corriqueira para todos que navegam por meia horinha entre a conta no Twitter de Donald Trump, as páginas dos denominados negacionistas climáticos e os *posts* histéricos e completamente aleatórios no *Facebook*. Mas o que acontece quando os conflitos em uma sociedade não consistem mais de meras opiniões divergentes, mas baseiam-se no fato de que nem sequer os padrões básicos na apuração da verdade e argumentação são compartilhados, ou seja, quando domina uma *polarização de segunda ordem?* Heinrich Mann reconheceu o problema e decidiu suspender o diálogo com Walter Ulbricht. Por mais compreensível que fosse abortar ou recusar o diálogo no caso individual e concreto, não obstante, temos que afirmar: Socialmente, essa solução não é recomendável.

Mas o que seria recomendável? Qual seria a solução? Acredito que para começar nesta real busca por uma solução é necessário reconhecer dois fatos. Primeiro, a era das descrições simplórias de causa-efeito terminou, se é que ela jamais tenha existido. A atual crise da verdade e do discurso tem origem sistêmica, resulta de uma interação de desenvolvimentos distintos, de uma mistura explosiva entre medo da globalização e medo da decadência. Crise esta que é alimentada pela propaganda perfeitamente orquestrada de demagogos e populistas. Eles descobriram a maneira de instigar a desconfiança, reforçando a já existente perda de confiança e atacando os especialistas e porta-vozes das temidas elites.

Além disso, o segundo reconhecimento nos traz a crise da verdade e do conhecimento que atualmente parece tão urgente e ao que parece veio para ficar. Além dos acontecimentos atuais e das percepções bastante reais de injustiça, tal crise é expressão e consequência de uma nova infraestrutura de informação, um efeito profundo da conexão digital. Os limites daquilo que pode ser dito e do consensual estão se deslocando rapidamente. O motivo é também que o medo generalizado de isolamento no caso da articulação de opiniões extremas se perde na proteção de um grupo virtual e no desejo de legitimação pode ser experimentado ilimitadamente. Hoje todos falam, todos podem se articular em público e se associar formando um poder que é, exclusivamente, vivenciado, todavia politicamente eficiente.

Monopólios da verdade pulverisados

Objetivamente, pode-se constatar nesse contexto, que a distinção entre o conhecimento *ortodoxo* e o *heterodoxo* e a diferença do núcleo do discurso e todos os acréscimos qualitativos ao mesmo apresenta-se frágil ou possivelmente permeável. Com menos objetividade temos que constatar que há tempos já são publicadas opiniões obscuras e intricadas. O cientista político Joseph P. Overton desenvolveu um conceito que permite uma maior precisão dos diagnósticos. Ele cunhou a ideia de *Overton window*. Trata-se de uma espécie de viés de opinião e articulação que marca o limite do que pode ser dito sem sanções e do que é publicamente aceitável. Será que essa afirmação pode ser considerada razoável, refletida e inteligente? Ou a afirmação seria demasiadamente radical, impensável e indigna?

Na democracia midiática da era pré-digital, essa medida do considerado permissível foi prioritariamente definida por jornalistas e protagonistas de uma elite social e política, cujas formas de expressão implícitas sempre continham uma mensagem adicional metacomunicativa:

"Assim (e somente assim) pode-se falar em público!" Dessa forma é possível definir como base, quais posições ainda são justificáveis e quais deverão ser consideradas completamente irracionais, ideológicas e demasiadamente radicais. Isso foi, notadamente, um estilo reconhecido pelo público, um ensinamento de cunho paternalista que tratava as próprias regras do grande debate público, ilustradas no exemplo concreto. Quem violava o consenso geral do que podia ser dito não era tolerado, mas agredido e criticado. Havia instâncias centrais do debate bastante poderosas (por exemplo, os jornais), que definiam temas, estabeleciam um foco com generosos gestos centralizadores e que, também, se dispunham a monitorar e observar os tabus.

Do "*gatekeeping*" ao "*gatereporting*"

Nos ambientes de debate abertos da democracia da indignação, no entanto, como diagnosticado pela socióloga especialista em redes sociais Zeynep Tufekci, a *Overton window* perdeu seu espaço, uma vez que o poder dos *Gatekeepers* clássicos começou a desaparecer, levando consigo a possibilidade de marginalizar ofensivamente as opiniões radicalmente divergentes e os pontos de vista até o momento não articuláveis. Essa notícia é, em princípio, ambivalente – e também às vezes preocupante. Todavia, significa sempre que a ideia um tanto anarquista de um monopólio da verdade na era digital é pulverizada diante de todos. O antigo mundo das mídias e do conhecimento, sempre fortemente hierárquico, representava, de acordo com o significado dado pelos muito influentes *Gatekeepers*, um apoio implícito da autoridade clássica e de conceitos de verdade tradicionais e científicos, que hoje dependem muito mais da aceitação e do consenso.

O que isso significa para os cientistas? O que isso significa para os jornalistas, para os professores e para os responsáveis pela educação, independente de sua orientação política, ou seja para todos os que atuam profissionalmente na transferência do conhecimento? Significa que todos hoje precisam exercer uma segunda profissão, uma vez que já não é mais suficiente elucidar, disponibilizando o conhecimento. Tornou-se necessário um *Iluminismo de segunda Ordem,* que além do ensino de conteúdos informa também sobre os processos de sua formação e que defende ostensivamente os próprios critérios de racionalidade. O clássico *Gatekeeping* deverá ser complementado pelo *Gatereporting* (Hanne Detel).

O que significa isso? *Gatekeeping* significa classificar as informações e destacar as mais relevantes. Essa é a competência clássica, ainda indispensável em uma época na qual rumores e despautérios perigosos circulam à velocidade da luz. A atividade do *Gatereporting,* não obstante, está, intrinsicamente, ligada à divulgação dos próprios critérios de seleção bem como de suas fontes buscando uma justificativa auto-reflexiva, transparente, orientada no diálogo da relevância, validade e pretensão de objetividade. Os responsáveis pela educação e os que trabalham divulgando o saber em escolas e universidades, em redações e debates públicos hoje não precisam mais somente articular o que acreditam ser certo, mas precisam se tornar intérpretes de sua própria disciplina e se considerar poderosos ministrantes de sua profissão, fornecendo ainda metareceitas para a verificação do saber e das regras de jogo definidas pela pesquisa de fatos. Deverão explicar repetidamente como trabalham e porque dizem o que dizem. Além disso, o princípio do *Gatereporting* deverá ser aplicado sem medo também às forças do contra-iluminismo, atacando-as sem pudor.

Nesse caminho ao novo iluminismo precisamos mais urgentemente do que nunca de uma análise de poder e de uma crítica ideológica sem receios e com respaldo científico, que torne palpável quem direciona fluxos de informação de forma algorítmica sem transparência, quem faz publicidade na rede ou em outros locais, quem se aproveita economica ou politicamente da manipulação de sentimentos, *fake news* e *social bots*, desenvolve pseudo-especialistas ou organizações de base aparentemente neutras *(astroturfing)*. Obviamente nem todos podem ser alcançados dessa forma. Mas qual seria a alternativa? Uma "Genosecracia", como sugeriu um cientista no *Frankfurter Allgemeinen Zeitung* algum tempo atrás? A sugestão – e não era comentário irônico, mas sim recomendação séria – seria a vinculação do título de eleitor com um teste oficial de conhecimento e competência, a ser realizado pela central de formação política ("Só poderá votar quem for aprovado").

Não, não é possível salvar a democracia recomendando a sua abolição, defendendo a construção de ministérios da verdade e a entronização de monarcas da filosofia. O princípio democrático e o conceito da educação se alimentam de forma elementar da ideia do cidadão independente – até a prova final do contrário. E um mundo da verdade com um governo paternalista não é desejável, apesar do alar-

me sobre o atual clima da comunicação. O que resta para as mentes liberais é a tarefa árdua, às vezes gratificante e às vezes exaustiva, do discurso que deverá estar omnipresente – mesmo às margens escorregadias do tanque de patos, o qual eu, sem sombra de dúvida, considero uma mesa.

Bernhard Pörksen
Nascido em 1969 em Freiburg, Breisgau, Professor de Ciências de mídia e vice Diretor do Instituto de Ciências e Mídia da Universidade Eberhard Karls de Tübingen.

O artigo baseia-se no ensaio para o jornal semanal "Die Zeit" e na publicação do livro "Die große Gereiztheit. Wege aus der kollektiven Erregung" (Editora Hanser, Munique 2018), do próprio autor.

Texto de Bernhard Pörksen, publicado em Die Politische Meinung Nr. 557, Julho/Agosto 2019.

"A digitalização está revolucionando o comportamento de comunicação dos indivíduos e das instituições com efeitos duradouros para os setores público e privado. A capacidade da nossa sociedade de lidar com os conflitos exige um consenso mínimo sobre a forma como os diferentes pontos de vista podem ser conciliados"; citação do Prof. Norbert Lammert, Presidente da KAS, no dia 17 de outubro de 2019, no evento da KAS "Democracia sob pressão: por uma nova cultura política de debate."

CURTO-CIRCUITO: a linguagem política e a ilusão do imediatismo

Christian Bermes

O lema da recém-realizada conferência digital *re:publica 2019*, *"tl;dr – too long, didn't read"* – chamava atenção para o lado sombrio das abreviações na comunicação digital. Com certeza, nem sempre é fácil lidar com a redução e a compressão de conteúdos, o que, de um lado, pode levar a perigosos mal-entendidos. De outro, tornar a linguagem mais densa não é apenas um instrumento importante da política. No jornalismo, numa retórica vibrante, e até mesmo na ciência, este recurso também é importante, não apenas para despertar atenção, mas também para proporcionar concisão e oportunidade de conexão. Mas, além da crescente tendência à abreviação da linguagem, chegando até mesmo ao uso de meros símbolos afetivos na comunicação digital, a situação atual não é unicamente caracterizada pelo enxugamento, mas também pelas *"ilusões (resultantes) de curto-circuito no entendimento"* [1]. As "ilusões por curto-circuito" acontecem quando se sugere imediatismo – talvez este seja até mesmo propagado – porém, é somente a mediação que pode cumprir a função de comunicar. Criar uma ilusão por imediatismo ao invés de mediar é uma característica não rara nas práticas de comunicação das mídias digitais e também no contexto das tendências populistas da política moderna.

Todavia, o imediatismo não é característica da cultura do uso da língua e do debate em uma ordem democrática liberal. A língua tem essencialmente a função de mediar – e a linguagem política tem uma missão de mediação muito específica, razão pela qual, desde a antiguidade, em Platão e Aristóteles, até a modernidade, a reflexão sobre a linguagem política não é tratada apenas como um simples complemento da teoria política, mas é *parte integrante da prática política*. A ação política não é meramente acompanhada pela linguagem em paralelo, mas realiza-se dentro desta. Assim sendo, a linguagem política enfrenta, fundamentalmente, e não só nos dias de hoje, um desafio muito especifico: *conseguir criar envolvimento sob condições de insegurança*. Tendo em conta os interesses divergentes, a pluralidade de alternativas de ação e um sem número de vozes e posições, [a ação política] visa gerar envolvimento com e por meio da comunicação. Ainda que o envolvimento em si possa ter caráter temporário, inserido que está no processo social, isto não muda o grau de compromisso que implica, alcançado através da comunicação. A língua é o único recurso – além da coerção e da violência – à disposição do ser humano para moderar ou mediar a tensão entre insegurança e envolvimento.

[1] N.T.: O autor cria o termo "Kurzschlussillusionen" (literalmente "ilusões por curto-circuito") referindo-se a uma interpretação ilusória, precipitada e falha que ocorre ao ser usada uma linguagem compactada e impactante.

Veiculo precário da comunicação

Atualmente a função da linguagem pública e política está sendo levada com muita veemência para o centro do debate aberto. O *Hate speech* (discurso de ódio), *filter bubble* (filtro-bolha) e fatos alternativos, de um lado, e o *framing* ou manipulação dirigida da linguagem através de termos e símbolos de valor alterado, de outro, nos fazem duvidar, se comunicação ainda é algo possível, sabendo que o próprio veículo da comunicação está precarizado. A linguagem política e pública parece ter perdido a atribuição tão óbvia de viabilizar a comunicação, e a estrutura de uma cultura do debate exitosa parece ser questionada porque o estilo direto, a autenticidade ou imediatismo passaram a ser vistos como princípios.

Em um ensaio recente, Durs Grünbein referiu-se a esta mistura complexa: "Podemos constatar uma radicalização da fala pública, entre nações e na esfera individual, na briga dos partidos e nos bares, no parlamento como na rua. Por um lado, há o uso de formulações depreciativas dirigidas ao inimigo político, a discriminação de grupos de pessoas, que, na sua fragilidade, tornam-se vítimas da política mundial. De outro, há também a decadência generalizada dos padrões éticos, a degeneração da linguagem na imprensa sensacionalista e nas redes sociais. Todos já se queixam disto, mas ninguém conhece a fórmula de como sair deste labirinto."

Em tempos de "retórica afiada", continua Grünbein, não é claro

como lidar com tal situação, onde e como encontrar soluções: "Jornalistas estão tateando no escuro, estudiosos contemporâneos, tranquilos e experientes, perguntam-se o que aconteceu. A maioria deles está sem rumo, girando em todas as direções, não há conversa em que a desorientação não domine. Agora vemos a vingança de terem abolido o ensino do latim, a situação jurídica não esclarecida, as regras fundamentais da democracia desconhecidas e ninguém mais tem possibilidades de comparação nem um ouvido interior escolado pela história." (Grünbein 2019)

Autenticidade ao invés de legitimação

Certamente, a língua sempre passa por transformações, seria uma ilusão fatal acreditar que é possível reduzir ou deter a elasticidade da língua e do uso da linguagem na comunicação viva. O âmbito público e político, moldado que é pela linguagem, nunca poderá ser ditado, e muito menos, numa ordem democrática e liberal devido aos princípios que a governam. Muito pelo contrário, sempre é preciso lutar por ela e isto só é possível quando a elasticidade da língua é preservada. Somente assim todo seu potencial civilizatório poderá ser desenvolvido.

Por esta razão, também é importante esclarecer o que se entende, precisamente, pelo fenômeno que foi recentemente diagnosticado como "embrutecimento" ("*Verrohung*") e como se pode identificar o "uso de uma linguagem radicalizada" ou de "retórica tóxica" (Bermes 2019). Da mesma forma, é importante descrever as circunstâncias que facilitam o surgimento das "ilusões por curto circuito" mencionadas acima. Com certeza, os desenvolvimentos sociais são tão responsáveis por isto quanto a introdução e o uso de novas técnicas de comunicação. Mas o campo é muito mais vasto e possui diversas camadas, e o estado atual da problemática mostra que os desafios têm origem muito mais profunda.

A moderação da insegurança para suscitar envolvimento acontece pelo veículo da linguagem, quando esta não fica reduzida à criação de curtos-circuitos na comunicação, mas é vista como meio que, por um lado, requer mediação e, por outro, abre caminhos alternativos que levem ao objetivo. Fantasias por imediatismo substituem a legitimação política por uma promessa de autenticidade, que, em primeiro lugar, não será quitada na prática política e social e, em segundo, leva à mistificação.

A mágica dos valores de referência

Os valores de referência e sua medição quantificada passaram a ser parte essencial da linguagem política – seja o assunto o aquecimento global no contexto da mudança climática, a emissão de gases poluentes pelos carros ou usinas térmicas a carvão, ou a quantidade de açúcar e outras substâncias contidas nos alimentos. A medição quantificada de fatos sociais, econômicos ou culturais por meio de indicadores de eficiência ou *rankings* também influenciam, como "números políticos" (Schlaudt 2018), a linguagem pública e política. Valores de referência ou números já estão até mobilizando movimentos sociais.

Desde os anos 80, Ulrich Beck já apontava para uma ambivalência especial dos valores de referência quando estes transitam entre a ciência e a política. Isto porque, neste caso, eles deixam de marcar apenas barreiras de proteção destinadas a evitar, mitigar ou suspender algum fenômeno; os valores de referência funcionam também como licença para poder envenenar "*um pouquinho*" as pessoas e a natureza [...] Ao mesmo tempo, fazem com que este *pouquinho de veneno* estabelecido passe a ser sinônimo de *normalidade* (Beck 1987, pág. 85 segs.). Porém, não é apenas neste sentido que os valores de referência são ambivalentes, quando deixam o jogo da linguagem científica e entram no jogo da linguagem política: ali passam a sugerir, ao mesmo tempo, legitimação. Isto é absolutamente problemático porque a fundamentação cientifica de um valor de referência não se coaduna com a justificativa política de qualquer alternativa de ação.

O uso de números na linguagem política promete legitimação sem justificá-la juridicamente. O contrato social e político que está constantemente se renovando e ajustando na comunicação verbal, desta maneira, transforma-se em um acordo de metas específicas a serem atingidas. Logo, a política passa a ser uma prestação de serviços no contexto de metas contratuais, sem que participemos da medição destas, que, aliás, deveriam ser apenas objeto de avaliação. Isto não nos permite concluir que, na modernidade, o levantamento quantitativo do universo social não tenha importância ou não seja um objetivo sensato e merecedor atenção. Isto seria não apenas ilusório, mas também uma estupidez de alto grau. Da mesma forma, devemos lembrar que números não são argumentos e que o contrato social não é conquistado somente através de um jogo com números, mas é moldado por uma linguagem viva.

Como opiniões se convertem em dogmas

O positivismo da quantificação provoca outros desenvolvimentos em reação. Se a legitimação política ficou questionável em si, as pessoas vão procurá-la em outra parte. É o que a expressão (pretensamente) autêntica vista em parte das mídias de comunicação atuais promete encontrar.

Assim como mostramos a ambivalência no conceito dos valores de referência e no uso político da quantificação, também aqui mostra-se uma dualidade de interpretações. A ambivalência de mensagens do Twitter pode servir de exemplo: "Cada timeline no Twitter, cada post no Instagram, que qualquer usuário de redes sociais pode acessar livremente, dá testemunho de que o mundo é visto coletivamente através de manchetes ou chavões, apreciados como ato criativo, livres da restrição de padrões pré-estabelecidos ou de acessos hierarquicamente escalonados (Bernard 2018, pág. 8). A ambivalência pode ser identificada no fato de que vozes esparsas são levadas a ecoar e, ao mesmo tempo, retira-se delas o que não poderia ser descontado. Este "desconto" se mostra quando a manifestação de uma opinião não se caracteriza apenas como apresentação midiática ou expressão de humor ou de um estado emocional súbito, mas denota um posicionamento complexo no mundo. Hannah Arendt já havia feito menção a isto e explicado, pelo menos em parte, o que se "desconta" ao expressar uma opinião: "eu formo uma opinião ao analisar uma coisa de diferentes pontos de vista, ao internalizar os pontos de vista dos ausentes e representá-los conjuntamente. Este processo de internalização não significa aceitar cegamente algumas posições defendidas por outros e que me são conhecidas. Aqui não se trata de empatia nem de querer encontrar uma maioria imaginária para depois me unir a ela. Trata-se muito mais de, usando a imaginação, mas sem perder minha identidade, ocupar um lugar no mundo que não é o meu, mas a partir do qual irei formar minha própria opinião". (Arendt 1994, pág. 334)

Uma opinião não apresenta simplesmente qualquer coisa, representa algo de maior complexidade, pois expressa a posição daquele que a articula e cuja perspectiva inclui o horizonte que abarcou outras opiniões. Um curto-circuito é gerado quando a autenticidade da própria opinião é elevada a primado, sem incluir a representação de outras opiniões e do mundo em que as opiniões podem conectar-se. É quando as opiniões se convertem em dogmas e o debate político se assemelha mais a uma tentativa de comunicação via painel publicitário digital, fadada ao fracasso.

Formação de opinião e competência midiática

As possibilidades de comunicação aumentaram e se expandiram muito dentro e por meio das mídias sociais. Isto deve ser entendido como conquista e, como êxito cultural, significa que foram derrubadas as barreiras antigas à comunicação, abrindo novas dimensões na liberdade de comunicação. Se, desta forma, a liberdade se torna possível, significa também que é preciso responsabilidade a fim de dar estrutura à liberdade conquistada para não voltar a perdê-la. A formação de opinião funciona quando se assume a responsabilidade pela própria opinião e não se perde de vista a parte que não se pode descontar na expressão de uma opinião. Os recursos que temos à disposição para isto são: prudência, tato, capacidade de julgamento e astúcia. São estas as ferramentas clássicas da competência midiática, que tampouco podem ser quantificadas. Ao mesmo tempo, são também os recursos civilizatórios da comunicação que permitem humanidade, evitando arriscadas abreviações e fazendo com que curtos-circuitos deem novamente lugar à arte de manobrar pelos desvios ao longo do caminho. "Apenas quando enveredamos por desvios no caminho podemos existir. Se todos fossem pelo caminho mais curto, somente um chegaria ao destino". (Blumberg 2017, pág. 137)

Christian Bermes
Nascido em 1968 em Trier, Professor de Filosofia e Diretor do Instituto de Filosofia da Universidade de Koblenz-Landau (Campus Landau).

Referências bibliográficas:

Arendt, Hannah: Zwischen Vergangenheit und Zukunft. Übungen im politischen Denken I, Piper Verlag, München/Zürich 1994.

Beck, Ulrich: Risikogesellschaft. Auf dem Weg in eine andere Moderne, 3. Aufl., Suhrkamp Verlag, Frankfurt am Main 1987.

Bermes, Christian: Wandel der Sprach- und Debattenkultur. Verbindlichkeit – Artikulation – Meinung, Konrad-Adenauer-Stiftung, Berlin 2019.

Bernard, Andreas: Das Diktat des Hashtags. Über ein Prinzip der aktuellen Debattenbildung, S. Fischer Verlage, Frankfurt am Main 2018.

Blumenberg, Hans: Die Sorge geht über den Fluß, Suhrkamp Verlag, Frankfurt am Main 2017. Grünbein, Durs: „Wie aus Sprache Gewalt wird", in: Die Zeit, Nr. 3/2019, 10.01.2019, S. 39.

Schlaudt, Oliver: Die politischen Zahlen. Über Quantifizierung im Neoliberalismus, Klostermann (Rote Reihe), Frankfurt am Main 2018.

Texto de Christian Bermes, publicado em Die Politische Meinung Nr. 557, Julho/Agosto 2019.

Os participantes do evento da KAS "Democracias sob pressão: por uma nova cultura política de debate", no dia 17 de outubro de 2019, na Academia da KAS em Berlim, discutiram até que ponto as mudanças na cultura da linguagem e do debate podem comprometer a capacidade da sociedade de se fazer concessões e, assim, comprometer a nossa democracia.

Em defesa de uma metáfora política ética

Prof. Dr. Henning Lobin

- Há muito não se debate tanto sobre linguagem e uso da língua na esfera pública.
- A linguagem possivelmente faz a vez da arena onde as atuais batalhas da identidade política são travadas.
- Além de outras manifestações linguísticas, a metáforas, principalmente, são usadas para aumentar o apoio a determinados objetivos políticos. Algumas metáforas, todavia, distorcem, maliciosamente, os fatos.
- No debate político, a reflexão sobre a linguagem pode ser benéfica à comunicação.
- E também as mídias deveriam renunciar àquelas frequentes metáforas de humor duvidoso e dar espaço a uma forma linguística mais elaborada e diferenciada

Temas do debate linguístico na esfera pública

Nós linguistas não sabemos se a situação atual nos dá motivos para rir ou chorar. Há muito não se debate tanto sobre linguagem e uso do idioma na esfera pública. Na revista semanal DIE ZEIT, o autor Durs Grünbein, tentou explicar, no início do ano, como a linguagem pode se tornar agressiva. Robert Habeck, o presidente do partido Verde alemão publicou no ano passado um livro inteiro sobre o assunto: Quem poderíamos ser. Por que a nossa democracia precisa de uma linguagem aberta e diversificada. E até mesmo o Presidente da Alemanha Frank-Walter Steinmeier reclamou o tema para si, solicitando em seu discurso de fim de ano que as pessoas dialogassem mais, mesmo aqueles com opiniões divergentes. Poderia citar ainda muitas outras contribuições a esse debate, inclusive utilizando a classificação "brutalização da língua" ou "violência linguística".

Também o debate sobre o uso da linguagem no âmbito da igualdade de gênero é travado com grande fervor. Diversas decisões judiciais – por exemplo, a cerca da opção de não especificar o gênero no Registro Civil, optando pela designação "diverso" – bem como portarias administrativas de municípios alemães exigindo o uso de uma linguagem inclusiva de gênero provocam reações irritadas, levam a uma importante associação linguística ao exigir: "Chega de bobagem de gênero".

Esse desenvolvimento deve ser visto como multicausal, ele ocorre em debates e nas mídias sociais e ganhou mais força após a entrada do partido AfD no parlamento alemão nas eleições de 2017, embora como já tivesse presença marcante em muitos parlamentos estaduais anteriores. Não obstante, existem muito poucas articulações sobre uma política de linguagem nos programas dos demais partidos representados no parlamento. O CDU em seu programa partidário de 2007 e o partido Verde (2002) marcam as posições mais claras dos partidos tradicionais nesse aspecto: Ambos destacam a importância da língua na vida pública da Alemanha, bem como na educação e ambos reconhecem a responsabilidade de maior zelo pela língua alemã, sem, todavia, detalhar medidas. Além disso, o CDU ainda menciona a necessidade de se oferecer aulas de religião islâmica no idioma alemão, o fomento do ensino do alemão no exterior através dos institutos Goethe e destaca a importância da língua alemã para a identidade do país em geral. O CSU (2016), o SPD (2007) e o FDP (2012) limitam-se a declarações mais genéricas sobre o papel do alemão para a vida pública ou qual a participação dos imigrantes nesta arena. O FDP e o partido Verde mencionam explicitamente o importante papel do multilinguismo. Alguns programas partidários também mencionam idiomas estrangeiros: Assim, o partido Die Linke (2011), por exemplo, defende, em sua única declaração sobre a língua, a proteção de idiomas de minorias, posição esta defendida também pelo partido Verde. O CSU por sua vez postula a proteção das minorias de língua alemã nos antigos territórios do leste.

A linguagem no programa político do AfD

O programa partidário do AfD de 2016 exibe uma imagem muito diferente da que estamos acostumados com os partidos tradicionais, independente da orientação política dos mesmos. Consta neste programa, todo o espectro de declarações que também encontramos nos programas dos demais partidos, com exceção do incentivo ao multilinguismo. Adicionalmente, o AfD desenvolve em seu programa todo um arcabou-

ço para uma política de linguagem própria, resumida nos seguintes seis pontos: O alemão deverá constar como idioma oficial do país na Constituição; o alemão deverá se tornar idioma na rotina administrativa da União Européia; a "substituição" da língua alemã pelo inglês deverá ser interrompida, principalmente "no âmbito de uma 'internacionalização' equivocada" e uma "desfiguração da língua alemã" pelo uso de "neologismos criados no âmbito de uma linguagem inclusiva de gênero decretada pelas autoridades" sendo o alemão preservado como língua de ensino nas universidades. E finalmente o partido postula: "A digitização da literatura alemã é uma tarefa soberana que deverá ser realizada pela Alemanha", tarefa esta a ser desempenhada de forma profissional por "especialistas do idioma e da literatura alemã".

Face a essas controvérsias há de se questionar se ainda estamos falando da língua alemã ou se a questão já é outra. Será que a "linguagem" nesse debate não seria um sintoma dos relacionamentos sociais ou políticos em si? Será que as mudanças da comunicação na esfera pública, talvez mesmo na comunicação no parlamento, são de fato fenômenos especificamente linguísticos? Será que a linguagem já não deixou de ser objeto de controvérsia para se tornar o campo de batalha sobre o qual se travam as atuais batalhas da identidade política? Por isso, nós linguistas hesitamos em acatar sem reservas a esse discurso sobre a linguagem, pois a nossa rotina é registrar, categorizar e interpretar fenômenos linguísticos, conteúdos e formas de uso em um nível muito diferente.

Manifestações

Portanto, é necessário classificar primeiramente o que atualmente muitas vezes é denominado de "brutalização da língua". Temos por um lado ofensas diretas. Quando dizemos que uma pessoa faz parte da escória e que deveria ser eliminada ou descartada como lixo, estamos partindo para o insulto e o Código Criminal prevê normas conter esse tipo de agressão. Na Internet, a Lei de Diretrizes da Rede deverá garantir a não-proliferação de ofensas. No parlamento, as advertências garantem que injúrias verbais sejam sancionadas. O fato de essas sanções às vezes não acontecerem – por exemplo, após colegas parlamentares terem sido convidados a olhar espelho a própria feiura causada pelo ódio –, não diminui a eficiência desses recursos. Os insultos, por piores que sejam, não são um problema para a sociedade. Para estes já temos os nossos instrumentos.

Quanto às denominadas estratégias discursivas, a situação já é diferente. Estas encontram-se na outra extremidade da escala de comunicação e descrevem toda uma cadeia de afirmações articuladas com um objetivo estratégico. Quando, por exemplo, insultamos alguém, é possível afirmar, que não houve a intenção de insultar. Quando se fala do "monumento da vergonha" é possível alegar, face à esperada indignação, que fomos propositalmente mal interpretados, levando em conta que o nosso passado realmente foi vergonhoso. E quem acredita que deve usar hoje em dia o termo "nacionalista" pode se defender alegando que somente usou o adjetivo para "Nação", e isso não é proibido, afinal não é necessário considerar sempre o histórico de todas as palavas desta rica língua alemã. São fatos que aconteceram assim.

Thomas Niehr e Jana Reissen-Kosch descreveram recentemente em seu livro Volkes Stimme uma série de estratégias do populismo de direita. Estratégias que obviamente a esquerda aplica analogamente. Um recurso possível seria simplesmente não entrar nesse jogo discursivo – assim a retórica insensível dessas estratégias desmoronaria rapidamente.

Tais formas de comunicação geram confusão, especialmente por violarem as expectativas da comunicação linguística. Essas expectativas já foram descritas como máximas conversacionais pelo filósofo e linguista Paul Grice nos anos 1970, seguidas com alguma exatidão e consciência nas interações sociais. Assim, a máxima de modo, por exemplo, ensina que a intervenção deve ser ordenada, clara e breve. A expressão "monumento da vergonha" é, propositalmente, ambígua e os seus significados completamente opostos violam a máxima do modo, enquanto a ambiguidade oferece espaço de projeção aos seus seguidores ("Esse monumento é uma vergonha") erguendo ao mesmo tempo a defesa ("O monumento nos remete a uma era que nos traz vergonha"). Essa comunicação política busca explorar os limites do que ainda se pode dizer sem sofrer sanções.

Metáforas e a sua função

Muito mais difícil é, todavia, avaliar o efeito de metáforas na comunicação política. As metáforas hoje não são mais consideradas meros

recursos estilísticos em textos literários. Ao contrário, são um recurso importante quando se pretende deslocar uma área de experiência mentalmente para outra – e essa transferência permite compreender melhor ou realçar outra visão da questão original. Aqui, o termo metáfora significa uma transferência de um contexto para outro para facilitar a compreensão e não como recurso estilístico literário. Quando se usa o termo "serviço de traslado [Shuttle-Service]" para designar um "resgate marítimo", os ouvintes pensam em uma situação de ônibus ou navios periódicos e transferem essa ideia para o assunto em pauta: Um serviço de traslado é parte de uma viagem, é um serviço pago e planejável que está sujeito a certos padrões de qualidade, não é perigoso etc. – e é essa visão que se pretende disseminar sobre os acontecimentos no Mar Mediterrâneo. O objetivo político é vincular as associações geradas pelas metáforas aos acontecimentos atuais para classificá-los ou interpretá-los assim na forma desejada.

Esses mecanismos psicológicos são também descritos com um chavão cunhado recentemente: "Framing" [enquadramento interpretativo]. Um frame abrange arcabouços de conhecimentos sobre um determinado contexto: o frame do serviço de traslado inclui o barco do traslado, o marinheiro, os viajantes, a companhia marítima, a atividade recorrente do transporte que une tudo e outras coisas mais. Todo o frame pode ser desencadeado mediante um desses elementos: a imagem do barco, por exemplo, ou um itinerário, como também uma palavra ou uma afirmação. Os processos psicológicos que sustentam esse framing, já foram analisados exaustivamente. Muitas decisões cotidianas são influenciadas por determinados frames ativos em nossos pensamentos. Sob essa ótica, as metáforas podem ser compreendidas como o método rápido para gerar um framing com recursos linguísticos. Elisabeth Wehling, criticada publicamente a partir de seus estudos sobre a emissora ARD, mostrou em seu livro "Framing político" como esses mecanismos são empregados no confronto político.

Outro exemplo mais antigo é o denominado "capitalismo de gafanhotos". Além dessa expressão, segundo Michael Wolffsohn, estar relacionada à linguagem utilizada no nacional socialismo, a mera palavra "gafanhoto" gera diversas associações de características e imagens: Surgem em grande número, tornam-se uma praga, destruindo cruelmente a base de subsistência do ser humanos, e seguem caminho sem compaixão, depois de concluir a sua obra destruidora. Semelhante ao "serviço de traslado", o objetivo é claro: Pretende-se criar uma compreensão que apoia determinados objetivos políticos, uma vez que as associações e conclusões implícitas à metáfora selecionada não permitem outra opção.

Metáforas na comunicação política

Não há nada de novo nesse processo. Metáforas já são utilizadas para fins de propaganda particularmente em sistemas totalitários, para separar o pertinente do não pertinente, o bem do mal, o puro do contaminado. Grandes grupos de metáforas foram desenvolvidos e atualizados sistematicamente durante o "Terceiro Reich", a começar das metáforas anti-semitas sobre pragas ou parasitas no corpo do povo, a metáfora da saúde do povo para a legitimação da eutanásia ou do *habitat* para justificar uma guerra de agressão. As metáforas lançam o holofote sobre determinados aspectos em um contexto, enquanto outras permanecem obscuras e difíceis de reconhecer. Viktor Klemperer já descreveu esses mecanismos linguísticos na época do domínio nazista. Em 1957 Dolf Sternberger tornou-se conhecido por suas interpretações análogas no *Wörterbuch des Unmenschen*.

Quando essas metáforas são utilizadas no debate político atual, trazem a ressonância dessas tradições. Por isso, até mesmo uma expressão como "síndrome da marginalização" - utilizada recentemente por um parlamentar do AfD para descrever a relutância dos partidos tradicionais em considerar o AfD na eleição de grêmios parlamentares - pode nos irritar. O termo "síndrome" transforma supostas ações voluntárias em enfermidades que acometem a pessoa sem causa aparente, descartando as opiniões como resultado de reflexões, por mais dignas de críticas que essas opiniões possam ser. Outra tradição é a metáfora bélica que já se tornou lugar comum no confronto político ("batalha eleitoral", "campo direito/esquerdo"). Existia, todavia, a convenção tácita de não extrapolar o uso dessa terminologia, que foi rompida pelo presidente da bancada do AfD, Alexander Gauland, na véspera das últimas eleições parlamentares quando criticou a "caça" ao adversário político.

Não obstante, quanto mais criativa a metáfora, mais estruturados e compreensíveis ficam os sentimentos e memórias que ela consegue trazer à tona, melhor o seu funcionamento no debate público, inconsciente do efeito devastador de algumas imagens que carregam um histórico pesado. Trata-se aqui de palavras que erguidas como estandartes favorecem uma determinada opinião política, sob as quais

congregamos as nossas. A linguística política as denomina de “palavras-bandeira” [flagwords]. E as metáforas “bem colocadas” como a do “serviço de traslado” geram longas narrativas, a começar pelos refugiados por motivos econômicos, o que não seria motivo para fugir, refugiados que em seu país seriam parte da elite, e assim por diante.

Uma metáfora ética?

Aparentemente, o que falta mesmo é uma metáfora ética. O que a imagem, induzida pela metáfora, nos diz a respeito do seu conteúdo? Será que aspectos importantes são omitidos e outros destacados ao compararmos a metáfora e os fatos? Em que momento a metáfora viola normas morais gerai que proíbem uma comparação de seres humanos com pragas ou de opiniões com doenças? Será que uma metáfora, que deveria servir à clareza não contribui para o enrijecimento das atitudes, impedindo a cooperação, por exemplo, quando se fala da “máfia agrícola” ou da “arquitetura de expiação”?

Essa teoria não é nova, mas hoje possivelmente mais insidiosa do que no passado. Karl Otto Apel e Jürgen Habermas já analisaram intensamente o desenvolvimento de uma ética de discurso nos anos setenta e oitenta. Essa ética não deveria ter função de controle, mas substituir sistemas de moral ou normas fundamentadas na religião ou em outras doutrinas, substituindo dogmas não justificáveis pelo rigor argumentativo da discussão. E mesmo que o discurso político nunca tenha funcionado assim, a ética do discurso descreve, no mínimo, uma concepção ideal, base para a análise também da atual cultura de discussão, podendo ainda hoje fornecer indícios.

Infelizmente o verdadeiro objetivo da argumentação política parece ser a proteção racional de sua própria pertinência a um grupo com as suas respectivas opiniões e perspectivas, garantindo o apoio dos demais membros do próprio grupo. As metáforas da comunicação política, nesse contexto, não têm o objetivo de convencer, mas de ilustrar a própria opinião com imagens que geram o respectivo enquadramento interpretativo, conclusões e narrativas. Quando o Ministro dos Transportes Andreas Scheuer afirma que um limite de velocidade “viola o bom senso”, temos aí um exemplo clássico das novas teorias da pesquisa socio-psicológica, segundo as quais o bom senso é utilizado especialmente para embasar a própria posição já existente e não para desenvolver um raciocínio.

Chances para um desarmamento na comunicação

Como devemos lidar com tudo isso? O diálogo, como recomenda o Presidente da Alemanha, seria um bom começo. Se o bom senso, todavia, é utilizado especialmente para construir a defesa da própria opinião, temos que negociar primeiramente o desarmamento. O próprio arsenal de armas linguísticas precisa ser tematizado, questionando a validade das batalhas metafóricas, palavras-bandeira e slogans utilizados para preservar a confrontação existente. Se a convicção do oponente não funciona com argumentos, ao menos o diálogo sobre a forma linguística para articular a argumentação supostamente racional, deveria criar um vínculo. E nesse plano, a linguística pode de fato contribuir para a cultura de discussão no espaço público.

Também as mídias poderiam renunciar mais vezes às metáforas de humor duvidoso, optando ao invés disso por uma forma linguística mais precisa e diferenciada. Isso não acarreta em monotonia, pois assim como uma boa reportagem dispensa fatos inventados, a descrição linguística de fatos complexos não deve utilizar metáforas que não convençam plenamente. Imagens e analogias são importantes, para compreender melhor um contexto complicado, mas é necessário destacar que estamos comparando coisas distintas que não se fundem na metáfora. A substância cognitiva da metáfora com a sua pretensão de razão implícita pode ter um efeito danoso e por isso precisa ser monitorada com a identificação da imagem. Algumas metáforas proporcionam uma distorção insidiosa dos fatos. Talvez em alguns momentos nos remetam ao serviço de traslado, mas em outros não – isso pode ser discutido e essa diferenciação linguística é necessária para a nossa convivência pacífica. Por isso devemos atentar para que as metáforas generalizadas não proliferem sem controle no debate público, que a sua validade seja tematizada imediatamente, para neutralizar o seu efeito nocivo. Não podemos confiar que todas as batalhas linguísticas, por mais distorcidas e abusivas que sejam, se atenham somente ao plano linguístico.

Prof. Dr. Henning Lobin
Diretor do Instituto Leibniz para a Língua Alemã em Mannheim e presidente da fundação homônima de direito civil.

Bibliografia

Grice, Paul: „Logic and Conversation“. Em: P. Cole and J. Morgan (Hgg.), Syntax and Semantics, Volume 3, 1975, página 41–58.

Grünbein, Durs: „Sprachliche Radikalisierung. Wie aus Sprache Gewalt wird“. Die Zeit nº 3/2019 de 10/1/2019, https://www.zeit.de/2019/03/sprachliche-radikalisierung- brutalisierung-gewalt (último acesso: 16/04/2019).

Habeck, Robert: Wer wir sein könnten. Warum unsere Demokratie eine offene und vielfältige Sprache braucht. Kiepenheur & Witsch, 2018.

Niehr, Thomas und Reissen-Kosch, Jana: Volkes Stimme? Zur Sprache des Rechts populismus. Duden, 2018.

Wehling, Elisabeth: Politisches Framing. Wie eine Nation sich ihr Denken einredet – und daraus Politik macht. von Halem, 2016.

Wolffsohn, Michael: „Zum 8. Mai“. Em: Rheinische Post, 3 de maio de 2005, página 3.

O presente ensaio é a versão revisada e ampliada de um artigo publicado em 21/2/2019 no jornal Süddeutsche Zeitung.

Texto de Henning Lobin, publicado em Analysen und Argumente Nr. 355, Junho 2019.

Evento da KAS “Democracias sob pressão: por uma nova cultura política de debate”, no dia 17 de outubro de 2019, na Academia da KAS em Berlim

Cultura do Debate na Política e no Espaço Público

No interesse da democracia, deve-se buscar seriamente preservar certos limites nas discussões que ocorrem dentro e fora do Parlamento.

Konrad Adenauer, 1952